

Hemodiálise: o drama das vítimas e de suas famílias

PARENTES ACOMPANHAM A AGONIA DOS CONTAMINADOS NA CLÍNICA DE CARUARU SEM NADA PODER FAZER

Do Recife, Marinês Campos

Solano José/AE



Fachada da clínica, em Caruaru: donos pedem habeas-corpus preventivo

Enquanto os doentes enfrentam o pavor num hospital com quartos simples e lençóis sujos, os diretores do IDR, Bráulio Coelho e Antonio Bezerra, que no sábado foram alvo de acusações do governador Miguel Arraes, recorreram aos seus advogados, que entraram com um pedido de habeas corpus preventivo na Justiça. Os diretores estão acuados pela iminente ameaça da prisão preventiva, pedida por Arraes. O governador concentra energia em apontar os diretores do IDR como os únicos culpados pelas 40 mortes registradas até agora, mas continua se eximindo de responsabilidade na tragédia de Caruaru. Há dois anos, o Instituto de Doenças Renais não recebia a visita de fiscais da Secretaria Estadual da Saúde e há mais de um ano a água usada na hemodiálise não era analisada — um procedimento que deveria repetir-se a cada três meses no máximo. “A responsabilidade é de quem mantém as clínicas”, esquivou-se Arraes. “Não temos condições de fiscalizar tudo”.

Das 16 clínicas que recebem pacientes para hemodiálise no Estado de Pernambuco, apenas 6 passaram por fiscalização desde o início do governo Arraes. Na tarde de sábado, cinco pacientes internados no Hospital Barão de Lucena receberam alta e voltaram para Caruaru.

Dia de visita é também dia de sofrimento para os parentes das vítimas da hemodiálise em Pernambuco. Ontem pela manhã os familiares já faziam fila na porta do Hospital Barão de Lucena, no Recife, onde estão internados 63 pacientes que foram contaminados no Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru, situado a 130 km da Capital. O horário de visitas é às 14h30, mas as pessoas esperavam pacientemente para não perder a chance de ver seus parentes doentes.

Duas famílias estavam particularmente aflitas: a de Edelson Soares Pereira, enviado à UTI para submeter-se a uma terapia experimental de troca de plasma, e a de Edmilson Francisco da Silva, que apresentava sintomas preocupantes.

Pereira, que tem 30 anos e fazia hemodiálise há 9 no IDR, esteve na tarde de sábado para nova sessão de troca de plasma no Hospital Geral de Urgência, a poucas quadras do Barão de Lucena. Lá começou a passar mal. “Ele estava chorando e pedindo aos médicos para que o tirassem da máquina porque não queria morrer ligado a ela”, contou a irmã, Nádia Pereira.

Por causa de seu estado, o rapaz foi trazido de volta ao Barão de Lu-

cena e internado na UTI. Pereira é o segundo paciente a passar pela terapia de troca de plasma, a nova tentativa dos médicos de salvar os sobreviventes da intoxicação pela hemodiálise.

Já o paciente Edmilson Francisco da Silva, de 39 anos, que na sexta-feira foi liberado da UTI, piorou na tarde de ontem. Amarrado a uma cama do sexto andar do Hospital Barão de Lucena, onde ficam os doentes de Caruaru, Silva estava com os parentes, recém-chegados ao Recife. “Ele fica amarrado porque, quando acorda, fica agitado e quer

arrancar o soro”, conta o irmão, Edson Francisco da Silva.

O pânico tem tomado conta dos doentes e de suas famílias. “A gente só vai ter paz quando eles receberem alta”, diz Silva. Francisca Solange Rodrigues de Souza, de 22 anos, que está sozinha no Barão de Lucena, também tem medo de morrer longe da família. O marido, agricultor, vive em Serra Talhada, e não pode visitá-la. “Minha cidade fica a oito horas de viagem e ele não tem dinheiro para vir me ver”, conta Francisca. “O prefeito de lá não ajuda a pagar a passagem.”